

C.M.B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da S.

A MEUS FILHOS

O Infante D. Henrique

SE os portugueses se podem debruçar orgulhosos e maravilhados ante as páginas imortais da nossa História no séc. XV e XVI é porque Portugal foi a Pátria do Infante D. Henrique. Na Ponta de Sagres ele ergueu um facho de luz, que iluminou os caminhos obscuros e desconhecidos para a África, para a Índia e terras do Oriente, para a América ignorada e oculta pela vastidão dos oceanos que a banhavam e encobriam.

O Infante D. Henrique não é uma figura vulgar, nem apenas um homem de génio que sobressaiu entre os contemporâneos; ele ascendeu pelo seu saber, pela sua constância, pelo sacrifício de uma vida inteira votada a um ideal, pela firmeza de carácter, pelo afincamento ao estudo, pelo estoicismo com que suportou reveses e alegrias, ele subiu ao mais alto pedestal que a pátria pode erguer aos heróis: a Imortalidade.

Ao ensinar aos pequeninos a História de Portugal, grande deve ser o cuidado do Mestre para lhe inculcar no espírito profunda admiração pelo homem que em si encarna o expoente mais alto do valor dum raça e dum época. Ele foi mais que o timoneiro da Pátria para caminhos de glória e de esplendor, ele foi o espírito medieval que pressentiu o desabrochar do Renascimento. O Infante de Sagres não cria já nos mitos e lendas em que se embrenhavam indecisas e temerosas as almas apegadas a velhas fantasias, erguidas pela ignorância dos povos bárbaros. E, porque não cria em mitos e lendas, se fincou, altivo, no rochedo de Sagres, entre os sábios mais eminentes na arte náutica, firme no seu propósito de mostrar ao mundo que, em breve, o espírito científico iria vencer crenças infantis e mistérios vagos, construídos e arquitectados pela ignorância das raças primitivas, que cobriram a Europa em ondas sucessivas, durante séculos, mergulhando as nações numa escuridão completa pela destruição dos focos de cultura da velha Grécia e Roma, politicamente vencidas, divididas e espezinhadas.

O promontório de Sagres devia ser talvez um lugar de peregrinação de todos os portugueses, que, numa homenagem sentida e recolhida, se ajoelhassem naquele ermo silencioso e, por momentos, evocassem a figura austera do nobre Infante, arrastando para o mar toda uma Pátria de nautas, de guerreiros, de monges, de investigadores, de colonos ignorados, que, em novas terras, prolongaram Portugal e, ao velho Mundo, abriram, de par em par, as portas dum vasto campo de estudo, lhe deram novos temas, para as artes e as letras, e novos céus para neles ler, em estrelas de fulgor estranho, o Nome de Deus e da Pátria Portuguesa.

Em 1960 o País inteiro vai erguer-se num cântico uníssono de louvor ao Infante de Sagres e, será então, necessário que as crianças de Portugal, por momentos, parem nos seus folguedos e, com orgulho e admiração profundamente sentida, se curvem ante a memória do «Alto Infante» e o possam lembrar, erguido altivamente, no promontório agreste e desabrigado do Cabo de S. Vicente, escutando ora o murmúrio sereno do mar, ora o espumar revoltado das vagas...

Esta pequenina peça, «O Sonho do Infante» não tem pretensões nem tão pouco é um esmerado labor literário, é antes uma evocação simples do que poderiam ter sido alguns momentos breves da vida dum Homem tão grande da nossa Pátria, que, como as crianças de hoje, também foi menino, e como eles brincou e sonhou...

(Continua na página 7)

Boris Pasternak

TODA a gente fala deste poeta, um dos maiores valores da literatura russa dos últimos tempos, sem, contudo, observar que Pasternak se distinguira há muito como primoroso tradutor, principalmente de Goethe e Shakespeare.

A obra de Pasternak vive agora o seu período de procura porque os fins expressivos que plasmam as suas determinantes atingem dimensões invulgares, e o Prémio Nobel atribuído ao livro «O Doutor Jivago» é bem o reflexo dos méritos deste escritor russo.

Boris Pasternak é o segundo escritor deste país que conquista o Prémio Nobel de Literatura.

Falando de «O Doutor Jivago» Pasternak disse:

«Uma obra de arte não pode reflectir uma única preocupação. Deve conter muitas coisas. As personagens dum romance — e igualmente as personagens do meu romance — devem dizer coisas verdadeiras e coisas falsas». Eis uma síntese da sua metafísica literária.

Um dia, quando «O Doutor Jivago» começou a aparecer nas livrarias, os correspondentes e

jornalistas dos grandes diários quiseram entrevistá-lo... e um deles, à queima roupa, perguntou-lhe: A que atribuir tanto êxito à sua obra?

Pasternak expressa-se desta maneira:

«Deploro todo este barulho que agora se faz ao redor do meu livro. Toda a gente fala dele? Mas quantas pessoas realmente o leram?»

Fizeram-se os mais dispares comentários através de artigos que nem sempre diziam a verdade e nem sempre testemunhavam a essencialidade do Poeta e do Romancista. Porque o que de mais notável e de específico vive na obra de Pasternak é a sua própria vida condicionada a girar, quantas vezes, dentro de barreiras impossíveis.

Quando folheamos o livro, demasiado volumoso e de trabalhosa leitura, verificamos e vimos que todo um mundo se movimenta e agita desde Moscovo a VLADIVOSTOK tão vivos e tão humanos são os seus relatos que sugerem ao leitor conflitos e paixões,

(Continua na página 5)

Os pensamentos do mês

Os olhos do leitor são juízes mais difíceis do que os ouvidos do espectador.

Voltaire

Oh, liberdade, quantos crimes se praticam em teu nome!

M.me Rolland

Para julgar o mundo é preciso vê-lo de longe e tê-lo visto muito de perto.

C. de Belvèze

NINGUÉM, até aqui, quísera tomar a sério o dr. Georg Schlaf (não confundir com Johnnes Schlaf, o escritor) chamado o "eterno acordado". Os jornais recusaram-se a publicar os seus artigos; os directores das agências de imprensa não mandaram ninguém para entrevistá-lo; a Academia de Medicina rejeitara as suas três comunicações acerca da infecção morfética e os poucos amigos que soubera conservar falam nisso mofando contentes e orgulhosos, no íntimo, de conhecer de perto um "homem bizarro", um "maníaco singular".

Um destes seus amigos, um dia, propôs-se levar-me a casa dele.

— Vamos lá, mas é melhor desde já preveni-lo de que gosto imenso do sono.

— Não importa, respondeu o outro. Vai ver um tipo nada comum que goza a vida e desperdiça o muito talento que tem. É preciso suportar o seu carácter que é, cheio de repentes, angélico e diabólico, e ter em conta que não dorme há quase três anos.

No dia seguinte, sem perder tempo, estávamos à porta do doutor Schlaf. A mulher que veio abrir disse que o senhor doutor estava em casa e que nos acomodássemos na sala de visitas, aguardando. Ouvimos bater levemente à porta dum quarto. Duas vozes, uma enérgica e feminina e outra sonolenta e máscula, alternaram um momento, mas o doutor Schlaf não apareceu logo.

O doutor estava hospedado numa dessas pensões que existem na cidade, e por conseguinte, nós estávamos esperando metidos numas dessas salas de visitas "de horrível gosto" que teria sido difficilissimo reunir de propósito e que todavia se assemelhavam entre si, salas que podemos encontrar em todas as casas conservadoras inglesas medianas cujo mobiliário existe há quarenta ou cinquenta anos. Poltronas de folhos recobertas de rendas; a cómoda com um grande espelho muito alto; o candeeiro de petróleo em cima duma coluna de cor preta com o capitel dourado; a mesa oval com jarrinhas de porcelana em forma de cisne ou de sapato; nas paredes feíssimas cópias de quadros célebres, flores pintadas para arrelhar alguma tia solteirona, paisagens à Walter Scott com a ponte e o castelo, e num cantinho uma coluna de gesso cor-de-rosa encimada por uma âncora desasada. Não faltava a insólita almofada de lã, recamada, que representava, nas cores cinzentas e azul, sobre um fundo cor de sangue, um cão barbudo sem boca e com o rabo bordado. Todas as vezes que eu me encontro numa destas salas de visitas sinto uma grande vontade de ter à mão uma lata de petróleo e uma caixa de fósforos,

A inimiga da sana

Por GIOVANNI PAPINI

ou então de fugir imediatamente. Mas tive que conter-me por respeito ao meu amigo e ao doutor Schlaf.

O qual apareceu daí a momentos, calmo, muito calmo, desculpando-se, num italiano correctissimo, de me ter feito esperar. O meu amigo, após ter proferido umas palavras para iniciar a conversação, inventou uma escusa e deixou-nos sós. Mas não tive que fazer grandes esforços para sacar as palavras da boca

vergonha de toda essa parte da sua vida que é como se não existisse e que V. passa como se estivesse morto, na ociosa inconsciência vegetativa? V. não pensa que o sono, mesmo querendo ser optimistas, ocupa uma terceira parte da vida humana e que uma vida de sessenta anos fica reduzida, na realidade, apenas a quarenta? Mas como? Nós que conseguimos mudar a face da terra, não seremos capazes de mudar os nossos viciosos



ao excelente doutor. Até que chegamos ao fim das habituais conversações que se fazem entre italianos e forasteiros ("Há quanto tempo está na Itália?" — "Quem conhece aqui?" — "Mas o senhor fala muito bem italiano!", etc.) — O senhor não veio certamente, disse ele sorrindo, para olhar só para a minha cara, que não é nada bonita.

— O senhor veio com certeza para tomar conhecimento das minhas ideias, da *minha ideia*. Ter-lhe-ão dito que sou um doido: não me prezo de sê-lo. Eu não sou louco, mas um mártir. Eu trabalho para todos, também para V., e vocês? Silêncio, risadas, calúnias! Todavia também eu sou um redentor e quero ser também um libertador dos homens. Não posso dar o meu sangue, mas dou o meu cérebro — e as minhas noites. Não durmo porque não desejo dormir. A cama deve ser suprimida; a vida deve ser duplicada; esta vergonha quotidiana deve acabar de uma vez para sempre! Também V., imagino, é dos tais que dormem, e quicá quantas horas!

— Muitas, caro doutor.

— E não tem remorsos nem

hábitos? Porque o sono, sou eu que lho digo, é um vício, um vício idiota e perigoso, contrário à dignidade e aos reais interesses da nossa espécie. Não se deixe iludir pelos médicos. O sono não é necessário. Esse repouso dos nervos do que falam os charlatães da neurologia pode-se obter com outros modos: eu tratarei do assunto. O sono é simplesmente um bárbaro desperdício de tempo e uma traição contínua à lei do progresso. Podemos concedê-lo aos animais que unicamente têm que pensar na própria existência, mas não aos homens, que sobre esta terra têm outros fins a alcançar.

"Porque interromper todos os dias a nossa actividade e abismar-nos numa situação que nos faria horror se não se tivesse convertido num hábito? Tenha presente, meu caro senhor, a minha lei do terceiro e verá que o trabalho e o progresso realizado pela humanidade em trinta anos poderia ser feito em vinte. Se a reforma por mim propugnada tivesse tido início, por exemplo, em 1600, nós estaríamos agora nas condições e no ponto de civilização do ano 2012; isto é, com a antecipação de todo

um século! "Nenhum trabalho deve ser interrompido de noite! Na época das palafitas as trevas podiam ser uma desculpa passível, mas hoje, com os nossos poços de petróleo, as nossas minas de carvão e os nossos aproveitamentos hidro-eléctricos, a escuridão não nos deve causar medo! Não se pode perder tempo. As fábricas ficarão abertas dia e noite e produzirão mais; um prédio ou um túnel que se deveria fazer num ano, acabará-se-á em seis meses; os conhecimentos que se adquirem em oito anos podem ser apreendidos em quatro. A riqueza aumentará, o saber progredirá mais velozmente e nenhum minuto da nossa vida, nenhum átomo da nossa força se perderá.

"Chegou o tempo de dar nova forma a nós próprios. Os médicos não se contentam já com curar as doenças, querem tratar os doentes que apresentam boa saúde. Os ascetas ensinaram-nos a ser castos; o dr. Guelfa ensina-nos a não comer, e eu próprio, dr. Schlaf, educar-vos-ei finalmente a não dormir!

"O sono é, como a luxúria e a avidez, uma das torpezas da existência. É, direi, a luxúria do ócio. Nós dormimos mais do que o necessário e essa necessidade pode ser eliminada. Todos são testemunhas, de resto, dos maus efeitos do sono na nossa inteligência. Quem muito dorme, em vez de despertar mais fresco e vivo do que os outros, acorda com entorpecimentos, não sabe falar nem pensar. Nós chamamos "adormentado" a quem é de talento tardo e o lázaro (o homem estúpido e preguiçoso) é para os idiotas o mesmo símbolo do que a noctâmbula coruja de Minerva é para os doutos. Quando Buda quis significar que saíra do engano da existência, gostou que lhe chamassem "perfeito acordado" e Kant agradeceu ao fogoso Hume por tê-lo acordado do sono dogmático. Na linguagem dos espíritos superiores, sono é sinónimo de estupidez e de erro, e despertar sinónimo de conquista e de verdade".

— Perdão, acrescentou o doutor após uma breve pausa interrogativa, talvez não seja bastante claro, mas quando começo a falar deste escândalo aqueço muito e não sei refrear-me. Especialmente quando penso que ninguém me quer escutar! Os senhores médicos têm medo do sono somente quando o sabem portador de morte como essa doença tropical que V. conhece certamente. Não se lembram que o sono é, por si mesmo, assim a imitação logo que seja prolongada torna-se realidade. Dormindo, nós habituamos o nosso organismo à imobilização do túmulo: suprimindo o sono alongar-se-ia, estou certo, a duração da vida.

(Cont. no próximo número)



Por JAIME FERREIRA

A PÓS um interregno de alguns meses que poderíamos considerar como umas férias, mas que não o foram propriamente, regressamos a esta SECCÃO, com mais vontade de SERVIR todos aqueles que ao movimento ou para o movimento, dedicam um pouco do seu entusiasmo e quantas vezes um pouco do tempo considerado disponível.

O censo há pouco tornado público mostra que a região de Braga, ainda é considerada a que mais se dedica ao progresso e expansão do escutismo em Portugal. O número de filiados em actividade, é suficiente para se avaliar do muito que se tem feito, mas também do muito que há ainda para fazer.

Este movimento não pode parar e para isso a Junta Regional, coadjuvada pelos Chefes com formação, levaram a cabo nos meses de Dezembro, em Braga e Janeiro em Guimarães, dois cursos de Formação de Chefes, sector que tem de merecer de todas as Juntas Regionais e até da Junta Central a maior dedicação e atenção.

A estes dois cursos concorreram mais de uma centena de filiados, alguns já com cargos de dirigentes, os quais receberam instrução teórica e prática do que deve constituir a matéria essencial na formação da Juventude que virá a constituir, num futuro próximo a grande massa escutista em movimento.

Propomo-nos deixar aqui impressas algumas sugestões, alguns planos das actividades escutistas, numa forma variada, metódica e progressiva.

Os referidos cursos mostraram em larga perspectiva, a necessidade que há no cuidado e no interesse em formar a Juventude para uma vida melhor, preparando os Chefes de hoje para que estes possam transmitir aos seus elementos a necessária instrução e aptidão para serem bons cidadãos, bons católicos e, amanhã, bons chefes.

Os rapazes gostam de sentir que avançam, mas aborrecem-se depressa se essas actividades se repetem.

Assim, o plano para o primeiro ano de actividades de um grupo em formação pode dividir-se em 40 reuniões semanais.

Como o ano tem 52 semanas ficam algumas reuniões, para os feriados, e até para alguns imprevistos.

As reuniões nocturnas devem compreender um período, máximo de hora e meia, tempo suficiente para se instruir o escuta no programa previamente elaborado — programa de aspirante segunda e primeira classe.

Pode ainda marcar-se outro dia na semana para outra espécie de reuniões — reuniões de especialidades, como por exemplo, carpintaria, cozinheiro, etc. ou ainda ginástica e exercícios físicos, trabalho em madeira, em couro, encadernação ou música, discussões e outros semelhantes.

Mas, esqueçamos dizer, que devem existir, pelo menos, duas patrulhas de 6 ou 7 rapazes dos 11 aos 15 anos.

As reuniões devem ser regulares, começar à hora marcada — 21 horas — e terminar igualmente à hora exacta — 22,30 horas. Como se disse, deve haver um programa previamente escrito e que deve ser cumprido com rigor para boa disciplina e interesse.

Estas sugestões visam apenas mostrar como se prepara um escuta para a primeira classe, sem o aborrecer tornando, no entanto, essa preparação completa e progressiva.

Não se pretende, porém, que o plano seja rígido, devendo estas sugestões ser aplicadas, segundo as condições locais.

A ordem do programa, também é de conveniência e não de regra. O tempo de cada assunto, deve ser marcado pelo Chefe, no local. Se os escutas estiverem dominados por um assunto, será erro mudar para outro, só porque o programa manda mudar.

Como já aqui foi dito, o sistema de patrulhas tem de ser o sistema adoptado desde o primeiro momento. Além de universalmente reconhecido, é a coluna dorsal do Escutismo. Por isso o Chefe deve confiar a instrução dos escutas aos guias de patrulha, na medida do possível. Para isso, os guias e subguias deverão receber instrução suplementar num outro dia da semana, dada pelo Chefe ou instrutor, a fim de que o Guia na reunião de escutas, saiba o que vai ensinar e como ensinar.

Depois de todos os escutas

Bibliotecas Itinerantes da Fundação CALOUSTE GULBENKIAN

JÁ muito tem feito sentir a sua benéfica acção, a Biblioteca Itinerante que semanalmente e às quintas feiras visita Esposende.

Centenas, talvez milhares de livros têm sido distribuídos pela população, ávida de cultivar o espírito.

Não havendo possibilidade de aquisição, uma vez que o livro está caro, só mesmo a acção benéfica de uma fundação de benemerência, pode levar junto das populações esse meio tão rico de cultura como é o livro, quando escolhido e valioso pelos assuntos versados.

A fundação Calouste Gulbenkian, que todo o País conhece através da sua tão benemerente actividade, tomou em boa hora a seu cargo o desempenho de tão altruística missão, fazendo chegar aos povoados mais remotos, o livro.

A boa amizade do jornalista e poeta Senhor António Baptista, que tem dedicado aos problemas de cultura, tanto da sua vida, quis ter a amabilidade de nos levar de visita a uma dessas bibliotecas itinerantes que nos visita

e ali pudemos verificar o movimento extraordinário de requisições que deixou a biblioteca esgotada.

Fala-se de escritores nacionais e estrangeiros com um avontade que demonstra o interesse da gente popular, trágicamente levada nos últimos anos para a «cultura futebolística».

Livros de narrativa histórica, contos para crianças, romances e obras de divulgação técnica, poesia, etc. etc., ali foram concentrados para a avidês do público e ainda fica em aberto a possibilidade de serem requisitadas obras que não constem do espólio da biblioteca Itinerante.

A iniciativa é de transcendente significado e pode constituir elemento poderoso de reabilitação cultural da nossa gente.

No próximo número, divulgaremos as instruções, para o público conhecer de perto as suas obrigações e direitos em face das bibliotecas Itinerantes.

Dr. Bernardino Amândio

(De O Cávado, de 1 de Março de 1959.)

As malhas TEBE

CAMINHAM POR TODAS

AS RUAS DE PORTUGAL

Não receiam confrontos...

terem a terceira classe, pelo menos, podem as patrulhas iniciar entre si uma competição para a conquista do primeiro lugar. A atribuição de pontos será sempre da competência do Chefe, o qual poderá por todos os motivos atribuir uma pontuação maior ou menor para estimular os elementos das patrulhas, com vista a que a competição tenha mais interesse.

AR LIVRE

As reuniões de Sede serão, portanto num dia determinado à noite; mas a finalidade são as reuniões de Campo. A parte do programa para o Ar Livre, deve destinar-se a todas as manhãs de domingo. Fazem parte destas reuniões actividades e provas de segunda e primeira classe. Consta de jogos, actividades próprias de campo, etc. destinadas ao desenvolvimento das aptidões escutistas.

Sempre que o tempo o não permita esta reunião pode fazer-se na Sede, mas com uma orientação mais vigorosa oferecendo aos escutas oportunidade para actividades mais atléticas.

Não se deve esquecer desde o primeiro dia, a inscrição das pautas de Presenças, Quotas e Provas.

Em conselho de Guias deve estabelecer-se, logo que possível, um concurso entre patrulhas, no qual o sistema de valorização inclua pontos pelas actividades e jogos escutistas e ainda pelo aprumo, apresentação, prontidão em cumprir ordens, etc.

Este concurso deve durar no mínimo um mês, no máximo três meses. Como prémio, não se deve escolher uma taça, mas antes um galhardete escutista, ou certos privilégios, como por exemplo, desfraldar a bandeira, formar à frente das outras, patrulhas, etc.

(Continua)

O Traje Minhoto

(Continuação do número 66)

Traje de Ponte da Barca

É formado por:

Saia — azul de ganga com listas de veludo preto.

Colete — de cores, pouco garridas e no género dos de Viana.

Romeira — azul ou preta debruada a veludo preto.

Gola — da camisa branca com rendas.

Avental — de estopa com fitas de cores.

Lenço — branco de cambráia ou tule bordado.

Traje de Geraz do Lima

Geraz do Lima fica na margem esquerda do Rio Lima na região de Viana do Castelo. O seu traje é muito idêntico ao "À Vianesa" diferindo mais nas cores. Empregam de preferência o azul, cor de rosa, verde e amarelo. A saia com o fundo verde e o "Forro" é azul bordado a lã. Os lenços são de ramagens com o fundo verde.

Trajes de Valença

O Traje de Taião

O traje de Taião fora de uso há cerca de 50 anos era constituído por:

Camisa — com "corpos" de linho e "emendas" de estopa. Os corpos abriam nos ombros em bordados e rendas de ponto real (abertas no mesmo pano) bem como nos colarinhos e nos punhos voltados das mangas;

Sobre os corpos — das camisas ajustavam-se espartilhos com varinhas de junco, os coletes sendo zuarte ou casimira azul claro com grandes guarnições de veludo negro, onde se viam desenhados corações, flores ou sino-saimões de cores garridas bordados a ponto de espinha.

Por cima dos coletes — vestiam-se as jaquetas ou véstias duma fazenda de lã, preta ou azul escura a que em Taião chamavam Nina, e geralmente se diz baeta crepe.

Estas peças — tinham mangas justas aos braços com alguma roda nas ombreiras e as mais antigas, as costas talhadas em quartos, rematando em ponto empregueado, a rabicha do mesmo tecido.

A saia — era azul ou preta do mesmo pano da jaqueta com grande roda. Ainda sobre esta era luxo pôr o avental "vental" de merino preto, largo com grandes barras de veludo negro tendo ao meio uma faixa de cetim azul-claro, pregueado, com

desenhos de vidrilhos e rosinhas de pano;

Na «tira» — do avental, bastante estreita usavam-se também discretos enfeites de vidrilhos. Na cinta, do lado direito, punha-se a algibeira redonda, às vezes ligeiramente em bico. Modernamente foi uso pôr à cinta o lenço de linho com a ponta pendente mostrando os desenhos;

Nas pernas — enfiavam-se as meias brancas de renda, de algodão;

Nos pés — as chinelas lisas com laços;

O cabelo — das Taionas era atado no alto da cabeça e seguro com longos ganchos de arame, sob o lenço de morim fino ou de tule. Este traje era domingueiro.

O traje de S. Julião, Silva e Fontoura

Socos de atanado — com sola de pau abertos atrás, meias de lã branca, caseira, de ovelha;

Saia de lã — de ovelha urdida com estopa, às riscas de várias cores vivas com meia barra, larga preta, de castorina de lã;

Avental — também de lã de ovelha e igualmente urdida em estopa às listas verdes geralmente;

Sob o avental — do lado esquerdo, algibeira bordada a lã, de cores garridas, geralmente em forma de coração;

Colete cinto — sem abas, de veludo preto;

Lenços de chita — de ramagens cruzadas sobre o peito e presos sob o avental. Camisa de linho branco em estopa bordada nas ombreiras e nos punhos a ponto de espinha azul ou branco.

Este traje usava-se nas referidas freguesias ainda há poucos anos. Era por assim dizer, um traje de trabalho, embora quando envergado com uma blusa de chita, fosse também usado aos domingos e dias santificados.

O traje de Boivão e Ganfei

Traje preto com jaqueta, saia e avental.

A barra — do avental tem um ligeiro bordado a missanga.

Avental — de veludo preto.

Lenço — branco.

Calçado — sapato à maneira galega.

Traje de Monção

Saia — tecida de linho e lã, preta ou castanha, com barra de veludo ou fazenda e de muita roda;

Avental — ou "mandil" tecido de linho e lã com barra de

lãs de cores. Há-os de riscas e de veludo bordado com vidrilho e de lã com barra bordada;

Meias — brancas de algodão, feitas à mão;

Calçado — sapato subido ou chinela;

Casaco — ou jaqueta cintado de fazenda preta lavrada a seda, com folho de cetim e bordado com vidrilho. Os mais antigos terminavam atrás em rabicho;

Capucha — capa curta com capuz de fazenda preta ou azul escuro com bandas e volta de veludo bordadas com vidrilho. Havia-as só de veludo;

Lenço — de seda lavrada, com franja, amarelo ou vermelho. Havia-os brancos de linho bordados e de renda;

Adereços — grandes cordões de ouro em volta do pescoço com corações ou cruces pendentes. Nas orelhas, argolas de ouro ou pendentes chamados "brincos à rainha".

Outras peças — entre o casaco e a camisa uma espécie de blusa de morim branco ou linho, terminando no pescoço e nos punhos em folhos bordados de rendas que saíam fora do casaco. Também em substituição dessa blusa se usa um lenço de seda, que sobressai no pescoço e cujas pontas se vêem atravessadas no peito quando a casaca está aberta. Na mão usam um lenço de linho fino bordado a ponto de cruz e por vezes, esse, de renda de algodão.

Traje de Melgaço

Traje de Castro de Laboreiro

A sua indumentária compõe-se: *Capa* — a que chamam capa ou avental de cabeça;

Blusa — que denominam chambre;

Avental — na linguagem local, mantil ou senguidalho, consoante o feitio;

Polainas — chamadas polainas ou calções;

Tamancos — que ali tem o nome de soques.

Usam ainda um lenço atado por baixo do queixo a que chamam capela.

A saia de fora não tem designação especial, mas a saia interior saíto, de cor vermelha, é chamada baguera.

A cor da roupa exterior é preta ou castanha-pinhão.

Os tecidos de que é feita são de lã muito grosseira, fraca e tecida na própria freguesia, em teares caseiros. Estes tecidos têm o nome de rescadilho, burel e picote.

Traje de Darque (Viana do Castelo)

Por não ter, na devida altura, os elementos completos sobre este traje, que me foram agora gentilmente cedidos pelo distinto clínico Darquense, Dr. José Óscar

Monteiro da Silva, não foi mencionado.

Darque, freguesia dos subúrbios da cidade de Viana do Castelo, banhada pelo rio Lima na sua margem esquerda, também tem os seus trajes regionais. E, pena é que estejam em desuso, pois iriam contribuir para o embelezamento e enriquecimento do folclore Minhoto. Tem dois trajes, sendo um deles, "o Domingueiro", o mais regional, o mais típico. Bastante gracioso, simples e embora em parte, predomine a cor escura, talvez devido à grande emigração que há, e como acontece com outros, nas mesmas condições.

Compõe-se:

Traje Domingueiro

Blusa — branca de morim, com pala, podendo ser guarnecida na mesma com um folhinho do mesmo tecido, e prèguinhas;

Lenço — de cores garridas, de algodão ou lã fininha;

Saia — de chita garrida com desenhos de flores e figuras geométricas, ou de fustão com cores alegres, mas discretas e predominando o azul leve;

Avental — de chita clara ou preta, com bolsos verticais.

As casadas e idosas usavam o mesmo, mas com cores mais escuras. Mais tarde como o fato de noiva ficasse muito caro, abastardou-se um pouco, e ficou a saia mais assenhorada, de armur preto, guarnecido a fitas.

Casaquinha — de armur preta, muito cintada com uma aba enviezada, orlada de galões em soutache preto e um peitilho em seda, também preta finamente pregueada. Gola muito alta junto ao pescoço. A orlar a manga, um canhão da mesma seda do peitilho.

Levavam também um lenço branco de seda. As noivas usavam, mais recentemente, este mesmo fato, mas em cores claras.

Traje rico de noiva, pessoa abastada ou de categoria

Lenço — branco de balbinete (cambráia finíssima) bordado nas três pontas ou numa só, a que ficava caída nas costas; ou de seda branca com desenhos geométricos.

Casaquinha — muito justa, de modo que a aba curta ficasse assente na roda pregueada da saia, na anca. Este, para o fato rico era de veludo preto guarnecido a vidrilhos na aba e mangas. A gola era estreita (o que hoje se chama, à militar) também guarnecida de vidrilhos, abotoando com botões grandes de fantasia, e em metal. A gola era ainda ornada de uma renda branca de bilros, como as mangas;

Avental — de veludo preto bordado a vidrilhos, todo ou terminando por uma larga renda, terminada por guarnição de vidrilhos, e apertada com fitas de moirée preto; ou também,

As Malhas

TEBE

continuam na vanguarda do bom gosto.

em veludo preto orlado com 3 tiras de galão preto;

Saia — de baetilha preta, com a roda de 5 metros, larga barra de veludo preto de 15 a 20 cm., e terminava em cima e em baixo por guarnição de vidrilhos. A orla tinha um biquinho de renda branca que aparecia de fora; ou saía de armur preto orlado, mesmo na ponta, por 5 galões pretos sobrepostos; ou, também de tecido adamascado cinzento-azulado em fundo amarelo, com a mesma roda de 5 metros, tendo ao meio uma barra estreita de cetim cinzento claro; ou azulada com pequenas flores amarelas, tendo duas barras estreitas de veludo preto.

Chinela — preta de verniz, com palmilha branca e laço de seda, ou do próprio cabedal.

Este fato, também se fazia com saia de fazenda em cores, mais ou menos escuras, com barras em veludo e terminadas por ordem de fitas ou marabú (espécie de pêlo preto), e os casacos também eram de cores castanho, cinzento ou cor de mel. Servia este traje para festas, acompanhamentos de casamentos... etc. Os lenços eram de seda branca, roxos com barras amarelas, amarelos com barras vermelhas.

E acabada esta descrição cheguei ao fim deste apanhado do "Traje Minhoto". Tem talvez erros, está talvez incompleto, mas isto devido à falta de elementos e à impossibilidade de os arranjar. Pode-se, no entanto, por aqui fazer uma pequena ideia da variedade e da beleza do traje Minhoto, em especial dos trajes da chamada Ribeira do Lima, essa maravilhosa região de que já Diogo Bernardes dizia:

«Lima, que neste Valle murmurando Em quanto o Sol s'esconde em Ocidente A tua natural vizinha gente Fazes adormecer com seu som brando...»

E, Ramalho Ortigão no seu livro, as "Farpas", e sobre o Rio Lima, disse:

«O rio que verás tão sossegado Que te parecerá que se arrepende de levar água doce ao mar salgado.»

Pois bem! eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Viana.

Impressionado por este fenómeno, procurei explicá-

-lo, e cheguei a esta conclusão: a mulher do campo de Viana é a mais bonita de Portugal...

...além disso, no campo de Viana a educação geral das mulheres corresponde, pelos elementos estéticos que dela decorrem, pelas faculdades que desenvolve e pelos hábitos que determina, a uma verdadeira escola de beleza...

E, o distinto poeta, Dr. Antero Lopes Belo, diz:

PRIMAVERA MINHOTA

«Chinelas catitas, pés pequeninos, Saias vistosas nas ancas roliças, Justilhos galantes, sonhos ladinos, Lenços garridos, cabeças bonitas.

Meias de renda as pernas velando, Enfeites nas blusas que cobrem seios, Brincos que brincam, caricias tentando, Olhos que prendem e causam enleios.

Corações de amor, o amor sentindo, Oiro em fantástica profusão, Bocas que cantam, frescas e rosadas.

Almas que vibram e olhos traindo Promessas... Oh! Que doce ilusão Da vida em perpétuas alvoradas!»

E, Maria Manuela Couto Viana, distinta artista e declamadora, diz:

«Oh! Torção abençoado, Aldeia formosa e bela... Foi num momento inspirado Que Deus fez a Meadela.»

Mái

Casamento Elegante

No passado dia 7, na Igreja da Franqueira, realizou-se o enlace matrimonial da Sr.^a D. Maria Júlia Matos Carvalho com o Snr. António de Oliveira Madeira, ex-empregado da TEBE.

Paraninfaram, por parte da noiva, o Snr. Dr. Francisco Rodrigues Torres e Ex.^{ma} Esposa Snr.^a D. Maria do Carmo Torres, e por parte do noivo, seus pais, Snr. António Dias Madeira e Snr.^a D. Margarida de Oliveira Madeira.

A cerimónia decorreu com a mais elevada espiritualidade e, depois, os noivos seguiram em viagem de núpcias para Espanha.

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão de felicitações, desejando ao novo lar as mais prósperas venturas.

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Domingos Gonçalves da Silva e Rosa Gomes de Figueiredo.

DIA 2 — Domingos Gonçalves Fernandes.

DIA 3 — Antónia Gomes da Silva e Maria da Conceição N. Pereira.

DIA 4 — Arminda da Costa Pereira, Maria Irene Gomes Ribeiro, Maria do Carmo M. P. Barbosa, Júlia Mendes Martins, Teresa da Silva Andrade e João Gonçalves Duarte.

DIA 5 — Maria dos Anjos M. Gonçalves, Maria de Jesus Araújo, Margarida dos Santos Ferreira e Maria dos Prazeres P. Vilas Boas.

DIA 6 — Abílio Duarte Pedras e Maria Albertina Gomes Carvalho.

DIA 8 — Ana Miranda Rodrigues.

DIA 9 — Maria Helena B. Pereira.

DIA 10 — Rosalina Pires Freitas, Rodolfo Quintela de Azevedo e Maria Celestina Terroso Lima.

DIA 11 — António Luís Neiva Veloso, Teresa de Jesus L. Soares e Maria dos Prazeres Q. dos Santos.

DIA 12 — Maria da Conceição Lopes Alves.

DIA 13 — António Felgueiras, Ana da Silva G. Costa, Maria Adelaide Lopes Araújo e Maria da Conceição Fernandes.

DIA 14 — Maria Teresa Magalhães Faria.

DIA 16 — Glória Lopes Correia, Maria Júlia F. Carvalho, João Passos Ribeiro Novo e Teotónio Rodrigues da Silva.

DIA 17 — Mário da Silva Freitas, Maria da Glória Oli-

veira Coelho, Rosa da Costa Senra, Maria Judite C. Miranda e Maria da Conceição Mota Pereira.

DIA 18 — Maria Angelina C. Salgado.

DIA 19 — Ilda Ferreira da Silva e Carolina Fernandes Ribeiro.

DIA 20 — Eduardo António da Silva, Maria do Carmo S. Coelho, Júlia Sá da Silva, Maria Amélia Garrido e Ana da Silva Lopes.

DIA 21 — Maria do Carmo P. Araújo e Maria Justina Gonçalves Ramos.

DIA 22 — Deolinda Simões Araújo e Rosa Lopes da Silva.

DIA 23 — Rosa da Conceição Correia Lopes, Veríssimo Alves da Silva, Maria da Glória L. Pereira, Maria Acácia F. Durães e Zulmira Ferreira da Silva.

DIA 24 — Leopoldina Augusta Ferreira, Maria Real Ribadas e Maria Olímpia M. Gomes.

DIA 25 — Maria Vergelinda Carvalho Rodrigues da Silva, Maria Isolina Dantas Correia, Marcelina da Conceição P. Novais, Teresa Ferreira Ribeiro e Maria Teresa T. Silva.

DIA 26 — Maria Emília Magalhães Faria, Maria Emília Soares Silva, Maria da Glória F. Carvalho e Carlos Alberto Freitas Lemos.

DIA 27 — Maria Cristina da Silva e José Ricardo Lourenço.

DIA 28 — Idalina Lemos Rodrigues da Silva, Augusto da Silva Lomba, Maria Amélia Moreira, Ana Lopes Fernandes e Laurinda Abreu da Silva.

A todos, os nossos parabéns.

Boris Pasternak

(Continuação da página 1)

lutas e renúncias, pondo em destaque a trama de todo o romance que é, deliberadamente, a Revolução Russa.

Pasternak é um homem da revolução e nela actua, naturalmente de uma maneira insignificante, mas ainda assim predeterminada.

A Rússia surge-nos em toda a extensão... nas suas planícies, no céu, na alma da sua gente, das suas contrariedades e dos seus ansejos.

«É febre, desordem, fúria, desprezo da vida, neve na terra e, aqui, além, neve nos sentimentos — o magno psíquico dum grande povo.»

E nota-se, sobretudo, através da obra de Pasternak a alma dum

poeta, dum poeta que sente e sofre, reage e vive, investiga os actos e as pessoas e conta-nos de uma maneira auto-figurativa certos factos com tal minúcia e tal beleza que não será demais afirmar-se que neste ângulo não teria sido certamente igualado.

E a respeito da condição humana ele ergue os olhos da obscuridade e, pleno dum cromatismo de decência, e de justiça mostramos «uma revivescência do mundo espiritual e uma distensão da vida interior do plano religioso.»

É realmente sublime pensar-se que, para escrever, é preciso sentir e só se pode sentir sabendo amar.

O livro «O Doutor Jivago» começa assim:

// «Eles caminhavam, caminhavam sempre e, quando se suspendia o canto fúnebre, julgavam ainda cantar, ao ritmo dos pró-



António Carvalho vai ser homenageado

Uma vez que, conforme declarações prestadas ao nosso «Boletim», o avançado do Clube Desportivo da TEBE, António Carvalho, estava resolvido a abandonar a prática do oquei em patins, apelamos para que a Direcção do nosso Clube nomeasse uma comissão encarregada da realização de uma festa de homenagem ao popular e correcto oquista.

Consultando a Direcção do Clube, informou-nos a mesma que, se tinha encarregado da sua realização, cujo programa está a elaborar e oportunamente anunciará.

Done

prios movimentos, as pernas, os cavalos e o sopro do vento.

Os transeuntes afastavam-se para deixar passar o cortejo, contavam as coroas, persignavam-se. Os curiosos juntavam-se à procissão, perguntavam: «Quem vai a enterrar?» — Respondiam-lhes: «Jivago». — Ah, sim? Logo se via. Mas não ele. Ela. — Vem dar ao mesmo. Vai para o céu. É um lindo enterro.

Os últimos instantes passaram rapidamente — instantes contados, instantes sem retorno. «A terra do Senhor e tudo o que ela contém, o universo e todos os seres vivos». O padre, fazendo com a mão o sinal-da-cruz, lançou um punhado de terra sobre Maria Nikolaievna. Entoaram a oração «Com os espíritos justos».

Depois foi a corrida. Fecharam o ataúde, pregaram-no e lançaram-no à cova. Uma chuva de torrões, como um rufar de tambor, caiu sobre o caixão que se apressaram a cobrir de terra, com nada menos de quatro pés. Er-

A ABRIR...

LUTAM muitas colectividades com falta de praticantes, faltas essas que na maioria dos casos são fruto de ignorância ou pouco senso dos responsáveis pelos destinos dos clubes, no que respeita à substituição de elementos retirados.

Quando um atleta abandona a modalidade, em vez de se procurar fazer dentro do próprio clube aquele que o há-de substituir não se hesita: adquire-se aqui ou além este e aquele jogador, muitas vezes de valor dúbio, à custa de dinheiro. «O clube pode pagar», dizem esses pseudo-dirigentes. O que interessa é que durante o seu mandato o clube conquiste títulos. Fazer boa figura, eis a grande preocupação. E, cegos pela vaidade, ignoram ou fazem por não ver quanto vão custar ao Clube que dirigem essas vitórias.

Este é o panorama de uma parte dos clubes. A outra, infelizmente, hoje em maior número, é a sequência das direcções anteriormente seguidas.

Um dia, um ligeiro abalo e, como a estátua em ouro de pés de barro, tudo se desmorona. As transferências tornam-se impossíveis, pois as reservas estão esgotadas e o clube é, afinal, a única vítima, vendo-se a braços com o problema da falta de fundos e atletas.

Olha-se para o passado e verifica-se que, com as somas tão ingloriamente gastas com transferências sensacionais, ter-se-ia fomentado uma escola de jovens praticantes, assegurando o futuro da colectividade. Esta seria representada com mais dedicação, pois esses jovens iniciados na prática desportiva pelo clube, sentiriam como ninguém a camisola que envergavam, ao mesmo tempo que se conjurava o perigo da falta de quem o representasse.

Infelizmente na época que decorre, apenas o presente conta. O futuro, despreza-se.

Em Barcelos, então...

ALAC

FUTEBOL

Uma vez mais, crise directiva no Gil Vicente

REALIZOU-SE no passado dia 23 a Assembleia Geral Ordinária do Gil Vicente.

Aprovado por unanimidade o relatório de contas, encarou-se a eleição de novos corpos gerentes.

Decepção! Nem uma única lista a indigitar estes ou aqueles,

gheu-se um montículo e um rapazinho de dez anos saltou-lhe em cima». //

Eis uma pequena amostra do estilo do autor, que marca já o seu temperamento de escritor de invulgares recursos.

António Baptista

como que num sinal de desinteresse para com o Clube mais representativo da terra.

Não haverá um grupo de barcelenses que possa arcar com as responsabilidades de dirigir os destinos do Clube? Seria lamentável que tal se verificasse. É certo que não será agradável ser dirigente, pois por melhor que sejam as intenções há sempre quem critique, exigindo por isso, um espírito de sacrifício que não está ao alcance de qualquer. Mas com boa vontade, estamos certos que tudo se arranja. O que não se pode é começar com os adiamentos sucessivos, como nas épocas anteriores, pois uma escolha tardia, colocará a direcção eleita numa

Talvez não saiba que...

Queirós, do Vitória de Barcelinhos, já assinou a ficha pela TEBE, para a próxima época.

Apartício, guarda redes do Vitória de Barcelinhos, tem a seu cargo a orientação técnica da equipa.

O Oquei Clube de Barcelos já tem nova direcção.

Andrade, do Famalicense, quer jogar pela TEBE.

Continua a ser difícil arranjar direcção para o Gil Vicente.

A TEBE tem como certos estes novos elementos: Cunha Gonçalves, treinador-jogador; Queirós, e Pedras, que voltou para o seu antigo clube.

A nova direcção do nosso clube é composta pelos Senhores Manuel da Silva Correia, Presidente; Armando Coutinho, Vice-Presidente; Valdemar Esteves, Secretário; José Augusto da Silva, Tesoureiro; António Augusto da Silva, Vogal e Chefe de Secção.

Carvalho, da TEBE, abandonou o oquei em patins.

Visado pela Comissão de Censura

situação delicada, pois há problemas que acima de tudo requerem ponderação e, por consequência tempo, tempo este que uma vez desperdiçado mais dificuldades ocasionaria à solução de determinados problemas.

Porque não se tenta converter a actual direcção a continuar nos seus postos, até porque somos de opinião que os mandatos se devem prolongar por mais de uma época, pois só assim se fará algo de sólido?!

J. Faria

Columbofilia

Por FERNANDO

História do Pombo Correio

(Extraído do Livro M. Leão Maia)

(Continuação do número anterior)

O POMBO CORREIO NA GUERRA

MAS não foi somente utilizado na guerra pelos romanos. Os resultados dos combates e disputas do Coliseum eram, por eles, anunciados a distância e, além disso, continuaram também os seus serviços de mensageiros amorosos.

Os egípcios serviam-se primeiro dos pombos para comunicarem, dumas para as outras regiões, o decorrer das cheias do Nilo, informações essas que lhes eram muito necessárias, para a orientação dos seus trabalhos agrícolas.

O sultão do Cairo foi avisado por pombos, do desembarque de S. Luís, rei de França, no Egípto. Antes, mesmo, já os califas de Bagdad deles usavam para se corresponderem com o Cairo.

Na Idade Média, quando os cristãos chegaram para conquistar Jerusalém, encontraram já, aí, um serviço perfeito de pombos mensageiros.

Ao serviço da guerra, dos negócios de Estado, do amor e do desporto daquela época, o pombo mensageiro teve sempre que fazer, e foi sempre estimado por aqueles que lhe conhecem o valor ou dele necessitaram.

Em 1574-75, durante os cercos de Harlen e Leyde, os pombos correios tiveram também ocasião de pôr à prova os seus inconfundíveis e insubstituíveis préstimos, servindo tão bem ou tão mal os que deles se utilizaram, que o príncipe de Orange, em sinal de gratidão para com estas aves e por muito as admirar, ordenou que fossem, daí em diante, alimentados à custa do Tesouro Público até morrerem de velhas e, depois disso, os seus corpos embalsamados e conservados para que todos os olhassem e considerassem como relíquias dessa guerra em que tão importante papel desempenharam.

Londres foi informada da derrota de Napoleão, também por intermédio de pombos correios, que a puzeram a par disso muito antes de que outras cidades mais próximas, que os não utilizaram.

Sem irmos a um século de distância, pois que, além disso, o pombo usado como mensageiro não era ainda, nem na fase inicial, o pombo correio que conhecemos hoje, vamos em revista, mas rapidamente, alguma coisa do que a humanidade lhe deve de grandioso, no instintivo

cumprimento da sua missão de regressar ao tecto que o alberga.

Por ocasião da guerra franco-prussiana de 1870, existia já o pombo correio, se bem que ainda juvenil, mas dando conta do seu recado, cumprindo satisfatoriamente o fim para que fora criado. E prova está em que, nessa guerra, os seus serviços foram largamente utilizados com o resultado de todos já conhecido, salvando milhares e milhares de vidas que, a não existir esse meio de comunicação, se teriam, certamente, perdido. Fora feito o seu transporte para várias localidades utilizando, para tal, balões; e eles regressavam velozes ao pombal, portadores de mensagens militares ou particulares, de importância fácil de calcular em semelhante eventualidade. A forma como cumpriram essa missão e o resultado que disso se obteve deveriam ser, só por si, motivo para que uma grata admiração lhes fosse dispensada. Porém, para vergonha daqueles que lhes souberam aproveitar os serviços, os pombos correios — soldados da guerra franco-prussiana —, que foram o único meio de comunicação de Paris cercada até Janeiro de 1871, foram vendidos em almoeda na Rue des Ecoles, certamente para satisfação do apetite dos arrematantes, pois que o preço porque foram adquiridos não ultrapassou 1 fr. 50, na sua grande maioria, tendo somente dois deles, por se terem distinguido nas viagens que fizeram, alcançado o preço de 26 francos.

Não foi esta, decerto, grande recompensa para as pobres avezinhas que com pouco se contentam e sentem satisfeitas. Bem mais felizes foram os protegidos do grato príncipe de Orange!

Apesar disso o pombo correio continuava existindo e os seus amigos e admiradores não se poupavam a esforços para os criarem resistentes, robustos, capazes de poderem tornar a ser utilizados quando fosse necessário e aumentando-se, o mais possível, as boas qualidades.

Que prestavam serviços relevantes, ninguém o ignorava.

E assim, também na guerra anglo-boér do Transval, em 1899, eles foram de novo (chamados às fileiras) tendo cumprido, como sempre, a sua missão.

No próximo número o POMBO CORREIO na 1.ª GRANDE GUERRA MUNDIAL de 1914-18.

As Senhoras de bom gosto só proferem as malhas

TEBE

O Infante D. Henrique

(Continuação da página 1)

Os seus sonhos, porém, com ele cresceram, tomaram vulto e tornaram-se uma realidade. Foi certamente a sólida formação moral daquele carácter íntegro e o desejo indomável de alargar os limites da Pátria ao serviço de Deus, que não o deixaram sossobrar ante a enormidade de tamanha empresa. Venceu terrores e superstições, exigiu dos geógrafos, cartógrafos e cosmógrafos, os mais profundos estudos, buscou ansioso, por velhos escritos de viajantes intrépidos e lendários, indicações de roteiros seguidos, vagos caminhos de mares desertos e terras remotas, teimou com fé cada vez mais forte e mais segura, lançando, em cada nova tentativa, o olhar para horizontes mais distantes, mais largos, mais varridos de sombras, mais transparentes ante a sua vista penetrante.

Parece que o rochedo de Sagres se erguia, deixando o Infante contemplar os sulcos das caravelas, sempre em rotas mais longas, a caminho do sul e, dessas névoas que queria rasgar e para além das quais os seus olhos pareciam estender-se já, felizes e vitoriosos...

Fábrica de Malhas TEBE

TEBE—Um nome ao serviço da economia nacional!

TEBE — As malhas que caminham na vanguarda do bom gosto, porque, além de perfeitas, cómodas e elegantes, estão ao alcance de todas as bolsas.

As malhas **TEBE**, no seu mundo de variedades e tipos, são preferidas nos ministérios, nas universidades, nas fábricas, nas oficinas e no campo.

TEBE!... Um nome que deve fixar.

TEBE! Símbolo de beleza e elegância.

Calendário Desportivo da Campanha de 1959 da Sociedade Columbófila Barcelense

| DATA | | Designação | LOCALIDADES | Distâncias |
|------|-----------|------------|---------------------|------------|
| Dia | Mês | | | |
| 25 | Janeiro | Treino | Nine | 10 Kms. |
| 1 | Fevereiro | » | Ermezinde | 35 » |
| 8 | » | » | Vila Nova de Gaia | 45 » |
| 15 | » | » | Valadares | 55 » |
| 22 | » | » | Espinho | 60 » |
| 1 | Março | » | Aveiro | 97 » |
| 8 | » | Concurso | Coimbra B | 145 » |
| 15 | » | » | Albergaria dos Doze | 192 » |
| 22 | » | » | Entroncamento | 229 » |
| 29 | » | Treino | Ovar | 75 » |
| 5 | Abril | Concurso | Santarém | 254 » |
| 12 | » | » | Vila Franca de Xira | 288 » |
| 19 | » | » | Lisboa Rego | 311 » |
| 26 | » | » | Setil | 268 » |
| 3 | Maio | » | Beja | 395 » |
| 10 | » | » | Leiria | 198 » |
| 17 | » | » | Faro | 505 » |
| 24 | » | » | Torres Novas | 202 » |
| 31 | » | Descanso | | |
| 7 | Junho | Concurso | Lamarosa | 220 » |
| 7 | » | » | Albacete | 577 » |
| 14 | » | » | Paialvo | 210 » |
| 21 | » | » | Santarém | 254 » |
| 28 | » | Descanso | | |
| 4 | Julho | Concurso | Valência del Cid | 728 » |

OS CIGANOS

Dr. Valentim de Almeida
e Sousa

Deste nosso ilustre Amigo, recebemos a seguinte circular, que gostosamente publicamos:

«Dentro de muito poucos dias vou tomar posse do lugar para que fui nomeado.

Não quero partir sem dirigir à Imprensa o meu agradecimento sincero pela colaboração e ajuda que me deram os seus Órgãos, que se editam, e circulam largamente, no distrito em que servimos.

A compreensão com que encaram as nossas funções e o acolhimento dado às iniciativas desta Delegação e dos Organismos que com ela trabalham, foi muito grande e, em bastantes casos, muito honrosa.

Quando reuni os vossos Delegados para anunciar o programa das Comemorações das Bodas de Prata do Estatuto do Trabalho Nacional, tive ocasião de apreciar, ainda que sumariamente, a acção da Imprensa.

Foram poucas as palavras, mas cheias de sentido.

Entre todas recorro as que assinalaram a integração no espírito que a própria Constituição marcou à Imprensa, como elemento de formação e informação da opinião pública.

*

Muito obrigado com os desejos das maiores prosperidades.

Apresento a V. e a todos os seus dignos colaboradores os meus melhores cumprimentos.

A BEM DA NAÇÃO

Braga, 23 de Fevereiro de 1959.

O DELEGADO,

Valentim de Almeida e Sousa

TEBE

UM NOME AO SERVIÇO
DE PORTUGAL

Em todo o lado, afinal,
O símbolo da Aventura
Que anda em busca de outros sois;

Uma forma da loucura
Que dorme dentro de nós,
E que solta em maré cheia
Vai desde o crime à epopeia
E gera santos e artistas
E vagamundos e heróis!...

1956

Margarida Suzel Corrêa d'Oliveira

Que estranha gente esta gente.
Duma outra raça diferente,
Que em vez de sangue nas veias
De fogo fogo vivo as traz cheias,
E nos olhos a visão
Doutros distantes países,
Onde criaram raízes,
E que deve ter provindo
(Se não for apenas mito)
Da velha terra do Egipto,
Donde a trouxe estranha lei
De migração.
Gente que tem o condão
De ler na palma da mão
O Passado e o Futuro;
Que dorme sobre o chão duro
E é instável como o vento.
Seu carácter é dispar
E cheio de fantasia:
Não sabe o que seja um lar
E tem o culto da Grei,
Desdenha da nossa lei
E obedece à lei dos seus...
Servil, altiva e orgulhosa,
Ardilosa e trapaceira
Como no mundo ninguém;
Gente que tem a maneira,
A estranha arte,
De vender de Feira em Feira
Os cavalos lazarentos
Por cavalos alazões
E de enganar toda a gente,
Mas atraente — atraente
Como um segredo, um mistério
A decifrar...

OS CIGANOS!

Gente de conto e de lenda
Que nunca tem rumo certo,
Que como os reis do deserto
Na sua tenda são reis
E têm as suas leis
Com seus chefes, seus juizes,
Suas penas e sanções.
Almas de sonho e de abismo
Que atingem o paroxismo
Dos leões,
E que ordenam seu Destino
Nas leis eternas do Amor...
Suas mulheres são formosas,
Esbeltas, ágeis, trigueiras,
Como os fustes das palmeiras,
Semelhando as bayadeiras
Dum palácio oriental.
Na beleza do seu porte,
Qualquer lembra uma rainha
Dum outro país à parte,
Dum outro país diferente.
Coleante qual serpente,
Nenhuma mulher caminha
Nem tem seu porte real,
Talvez porque as suas ancas
São estreitas e a cintura
Delgada como um anel.

Negros, líquidos, brilhantes,
Seus olhos são amassados
Com raios de sol em brasa
Que nos rostos trigueiros
Cintilam como diamantes.
As suas bocas pequenas
Têm dentes miúdinhos
Iguais ao jaspe na alvura,
E que lembram as fiadas
Das pérolas que se ostentam
Nas montras dos joalheiros.
E eles!... Magros, tismados,
Secos como maravalhas
E ágeis como leopardos,
Olhos negros, que o ciúme
Às vezes torna de lume
A faíscar!...

OS CIGANOS!

Os meus olhos de menina
Fixaram na retina
A sugestiva visão
Dum longínquo acampamento
Que algumas vezes eu vi.
As tribus de caldeireiros
Que consertavam metais
E que nunca, nunca mais
Pude esquecer!
Gente rica
Que armavam as suas tendas
Um pouco como os campistas
Actuais,
E traziam os seus carros
De que as «roulottes» são cópia,
Adaptadas, é claro,
A gente civilizada...
Eles, a jaleca enfeitada
Mais ou menos,
Conforme a sua hierarquia
Ou condição,
De moedas em fiada:
Sobre o colete, a corrente
Pendendo um pouco ao desdém.
Calça na perna ajustada,
Caíndo em baixo mais larga
Na forte bota ferrada
Com um pequeno tacão.
Belos moços que lembravam,
Assim delgados, trigueiros,
A esbelteza dos pinheiros
Nos pinheirais...

O chefe, o negro cabelo
Já um tanto esbranquiçado
Nos frontais,
O porte severo e altivo,
Tinha uma nobre presença
De monarca destronado
E recordava também
O chefe dalguma tribu,
De algum livro de aventuras
Arrancado.
Elas, nos negros cabelos
Lisos, ao meio apartados,

Com moedas entrançados
Ou travessas pequeninas
De várias cores
Ou largas fitas garridas.
Nas orelhas, balouçantes,
As «argolas» de rigor
Que se agitam, provocantes,
Ao menor gesto que façam...
As blusas muito ajustadas,
E muitas saias singidas
Na delicada cintura,
Caíndo com farta roda
Até aos pés,
O que lhes dá ao andar
Uma certa ondulação
De vaga, quando na praia
Se vem, dolente, quebrar...
Um pouco como as varinas,
Mas mais magras, mais felinas,
De formas mais serpentinas.

AS CIGANAS!

Quando na vila acampavam,
Quantas paixões inspiravam
E que ciúmes também
Nas moças, que inda as mais belas
Não possuíam como elas
O misterioso condão
De seduzir, de agradar...
Às vezes também traziam
Um negro urso encadeado
Que executava um bailado,
Ao som duma pandeireta
Que tangiam...
Fazia-me pena enorme
Ver o monstro desconforme
Assim cativo, a dançar!...
O nariz atravessado
por uma argolha de ferro,
Com uma espécie de riso
No focinho, que açaimado
Tinha um rictus cruel!
Dançava, o pobre infeliz
Tão longe do seu país
Onde vira a liberdade!
Mas às vezes, num repente
De revolta e crueldade,
Soltava um urro profundo
E procurava enlaçar
Nas patas, para o rasgar,
Aquele homem que zombava
Da sua força e poder.

CIGANOS!

Ciganos da minha infância
Que esfumados na distância
Vejo por vezes surgir
Sobre o mágico tablado
Da minha recordação
Gente sem rumo e sem leis,
Cativante e misteriosa!
Pelos séculos em fora,
Vós fostes, sois e sereis,